

“FOUCAULT, DELEUZE E DERRIDA CURRICULISTAS?”: PENSAMENTO PÓS-ESTRUTURALISTA E A PESQUISA EM CURRÍCULO

“FOUCAULT, DELEUZE AND DERRIDA CURRICULISTS?": POST-STRUCTURALISM THOUGHT AND CURRICULUM RESEARCH

“¿FOUCAULT, DELEUZE Y DERRIDA CURRICULISTAS?": PENSAMIENTO POST-ESTRUCTURALISMO E INVESTIGACIÓN CURRICULAR

Danilo de Araújo Oliveira¹ 0000-0003-3222-3172
Maria Carolina da Silva Caldeira² 0000-0003-0668-1989

¹ Universidade Federal do Maranhão – São Luís, Maranhão, Brasil; oliveira.danilo@ufma.br

² Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; mariacarolinasilva@hotmail.com

RESUMO:

Este texto apresenta os artigos publicados no dossiê “Foucault, Deleuze e Derrida curriculistas? Como pensamos, problematizamos e criamos currículos com ferramentas metodológicas e conceituais pós-estruturalistas (ou da filosofia da diferença)”. Com base na provocação de Silva e Corazza (2003), na qual se questionava a possibilidade de um Nietzsche curriculista, o objetivo deste dossiê foi reunir artigos que buscassem compreender como Foucault, Deleuze e Derrida têm mobilizado o pensamento curricular. Os dez textos que compõem o dossiê foram produzidos por diferentes pesquisadores e pesquisadoras, de diversas regiões e universidades do Brasil e da América Latina, e evidenciam a potencialidade de Foucault, Deleuze e Derrida para pensar distintos objetos de pesquisa no campo curricular. Por meio da apresentação desses textos, pretende-se evidenciar e sistematizar diferentes contribuições dos três autores que inspiram o dossiê, apontando possibilidades para refletir sobre processos de subjetivação, estética da existência, linhas de fuga, aporias e práticas de hospitalidade possíveis nos currículos. Inspirados na ideia de livros-bomba, desenvolvida por Foucault, argumentamos e desejamos que os artigos aqui apresentados atuem como bombas que, momentaneamente implodam pensamentos hegemônicos, mas que, ao mesmo tempo, sejam belos como fogos de artifício, iluminando e contribuindo para uma pesquisa curricular cada vez mais potente.

Palavras-chave: currículo; pesquisa curricular; Foucault; Deleuze; Derrida.

ABSTRACT:

This text presents the articles published in the dossier "Foucault, Deleuze, and Derrida: Curriculist Studies? How We Think, Problematize, and Create Curricula with Poststructuralist (or Philosophy of Difference) Methodological and Conceptual Tools." Based on the provocation developed by Silva and Corazza (2003), in which they considered a Nietzsche as a curriculist, the dossier's objective was to group articles that sought to reflect on how Foucault, Deleuze, and Derrida have mobilized curricular thought. The ten texts comprising the dossier were produced by different researchers from various regions and universities in Brazil and Latin America and demonstrate the potential of Deleuze, Derrida, and Foucault for considering different research objects in the curricular field. Through the presentation of these texts, we hope to highlight and systematize the different contributions of the three authors who inspired

the dossier, presenting possibilities for considering the processes of subjectivation, the aesthetics of existence, lines of flight, aporias, and practices of hospitality possible in curricula. Inspired by the idea of book bombs, developed by Foucault, we argue and hope that the articles presented here will function as bombs that momentarily implode hegemonic thinking and be as beautiful as fireworks, illuminating and helping us to think about increasingly powerful curricular research.

Keywords: curriculum; curriculum research; Foucault; Deleuze; Derrida.

RESUMEN:

Este texto presenta los artículos publicados en el dossier «Foucault, Deleuze y Derrida: ¿Estudios curriculares? Cómo pensamos, problematizamos y creamos currículos con herramientas metodológicas y conceptuales postestructuralistas (o filosofía de la diferencia)». A partir de la propuesta de Silva y Corazza (2003), quienes consideraron a Nietzsche como curricularista, el objetivo del dossier fue agrupar artículos que buscaban reflexionar sobre cómo Foucault, Deleuze y Derrida han movilizadado el pensamiento curricular. Los diez textos que componen el dossier fueron producidos por diferentes investigadores de diversas regiones y universidades de Brasil y Latinoamérica, y demuestran el potencial de Deleuze, Derrida y Foucault para considerar diferentes objetos de investigación en el campo curricular. A través de la presentación de estos textos, esperamos destacar y sistematizar las diferentes contribuciones de los tres autores que inspiraron el dossier, presentando posibilidades para considerar los procesos de subjetivación, la estética de la existencia, las líneas de fuga, las aporías y las prácticas de hospitalidad posibles en los currículos. Inspirados por la idea de los libros bomba, desarrollada por Foucault, argumentamos y esperamos que los artículos aquí presentados funcionen como bombas que implodan momentáneamente el pensamiento hegemónico y sean tan hermosos como fuegos artificiales, iluminando y ayudándonos a pensar en una investigación curricular cada vez más poderosa.

Palabras clave: currículo; investigación curricular; Foucault; Deleuze; Derrida.

O ideal não é fabricar ferramentas, mas construir bombas, porque, uma vez utilizadas as bombas que construímos, ninguém mais poderá se servir delas. E devo acrescentar que meu sonho, meu sonho pessoal, não é exatamente o de construir bombas, pois não gosto de matar pessoas. Mas gostaria de escrever livros-bombas, quer dizer, livros que sejam úteis precisamente no momento em que alguém os escreve ou os lê. Em seguida, eles desapareceriam. Esses livros seriam de tal forma que desapareceriam pouco depois de lidos ou utilizados. Os livros deveriam ser espécies de bombas e nada mais. Depois da explosão, se poderia lembrar às pessoas que esses livros produziram um belíssimo fogo de artifício. Mais tarde, os[as] historiadores[as] e outros[as] especialistas poderiam dizer que tal ou tal livro foi tão útil quanto uma bomba, e tão belo quanto um fogo de artifício (Foucault, 2006, p. 266).

Esse trecho foi proferido por Foucault em uma conversa informal com alunos/as, em maio de 1975. A reflexão tem produzido reverberações até os dias atuais, com efeitos significativos no campo curricular, especialmente no que se convencionou denominar perspectivas pós-estrutural ou pós-crítica. O excerto funciona, simultaneamente, como provocação e metáfora: explica como o autor concebia o uso de suas ideias e de seus livros. Ao defender que o ideal não é fabricar ferramentas, mas bombas, ele está se distanciando de uma visão instrumental do pensamento – aquela que enxerga teorias como ferramentas prontas para

serem usadas repetidamente, de forma estável e previsível, em qualquer contexto. Uma ferramenta é algo que se guarda na caixa e pode ser usada de novo. Uma bomba, ao contrário, é um artefato que, depois de acionado, cumpre sua função de ruptura, explosão e transformação – e depois desaparece.

Nesse sentido, Veiga-Neto (2006) defende o que chama de *fidelidade infiel* ao pensamento foucaultiano. O autor reconhece que, no campo educacional, muitos/as pesquisadores/as recorrem aos conceitos de Foucault como ferramentas para pensar e problematizar a educação. Contudo, surge o dilema: estaríamos sendo fiéis ao autor? E que tipo de fidelidade seria possível, se o próprio Foucault desejava que seus livros fossem usados como bombas? Para Veiga-Neto (2006, p. 4), “ser fiel a Foucault é, ao mesmo tempo, ser-lhe infiel”, pois precisamos “torcer e retorcer as contribuições foucaultianas para os nossos entendimentos sobre o presente”.

Para fazer isso, “afastamo-nos daquilo que é rígido, das essências, das convicções, dos universais, da tarefa de prescrever e de todos os conceitos e pensamentos que não nos ajudam a construir imagens de pensamentos potentes para interrogar e descrever-analisar nosso objeto” (Meyer; Paraíso, p. 16-17). Não estamos interessados/as em tomar o pensamento foucaultiano como camisa de força, mas recorrer ao que já foi produzido pelo autor e seus comentadores/as para suspender significados, interrogar textos, encontrar novos caminhos, rever saberes instituídos e problematizar percursos. Trata-se de buscar inspirações e articulações que permitam modificar o dito e o escrito, produzindo novos pensamentos.

Sob essa perspectiva, os livros-bomba não servem para serem aplicados mecanicamente, nem para se tornarem manuais permanentes. Funcionam como intervenções localizadas: detonam formas de pensar, abrem brechas, deslocam certezas, desestabilizam discursos, desmontam estruturas de poder e modos de ver o mundo. Depois da explosão, o livro já cumpriu seu papel e pode até desaparecer – não precisa permanecer como dogma, tradição ou verdade consolidada. O pensamento construído, portanto, não é receita a ser aplicada indiscriminadamente.

As problematizações até aqui apresentadas não se restringem a Foucault. Estendem-se também a outros autores que oferecem subsídios para pensar o currículo sob uma perspectiva pós-estrutural, como Deleuze e Derrida. Este dossiê buscou colocá-los em evidência, levantando a questão de como suas contribuições podem auxiliar na reflexão sobre currículos. Em diálogo com Foucault, Deleuze afirma:

[...] não se refaz uma teoria, fazem-se outras; há outras a serem feitas. É curioso que seja um autor que é considerado um puro intelectual, Proust, que o tenha dito tão claramente: tratem meus livros como óculos dirigidos para fora e se eles não lhes servem, consigam outros, encontrem vocês mesmos seu instrumento, que é forçosamente um instrumento de combate (Deleuze, 2017, p. 67).

Com esses autores aprendemos que não se trata de ensinar a pensar sempre da mesma forma, mas de criar dispositivos de pensamento capazes de provocar movimentos, questionamentos, desconstruções e transformações em um dado momento histórico e em uma conjuntura específica. Eles também nos ajudam a realizar um gesto contra a fossilização das teorias: quando uma ideia se transforma em regra fixa ou ortodoxia, perde justamente sua potência de explosão.

Trazendo essa discussão para o campo curricular, podemos afirmar que, se esse território é contestado, também se tornou um território minado, tomando como referência a afirmação foucaultiana mencionada anteriormente. Isso porque muitos dos livros de Foucault, Deleuze e Derrida se constituíram como livros-bomba na teorização curricular, à medida que diversas pesquisas passaram a mobilizar o pensamento desses autores em análises variadas, com objetos e objetivos distintos. Esses livros produziram mudanças nos modos de conceber os currículos e possibilitaram outras discussões. Os efeitos desse movimento podem ser comparados aos fogos de artifício materializados em artigos, dissertações e teses que abordam o currículo como objeto de pesquisa com base nos ditos e escritos desses pensadores.

De fato, nenhum desses autores pretendia ser tomado como modelo. Nenhum deles desejava ser enquadrado, nomeado ou circunscrito a um sistema fechado de pensamento. No entanto, suas teorias, conceitos e metodologias acabaram por inspirar muitos pesquisadores da educação em geral e, mais especificamente, do campo curricular.

Além disso, ainda inspirado/a pelo pensamento foucaultiano, podemos considerar uma de suas lições centrais: não basta usar bombas criadas por outros – é preciso aprender a fabricar as nossas próprias. Essas bombas devem nascer do encontro entre nossas inquietações, o contexto histórico e as urgências políticas que desejamos acionar. E, conforme sugere o filósofo, se forem boas bombas, após a explosão não restará o apego à sua forma original, mas a lembrança do clarão que abriram no pensamento. Acreditamos que os textos que compõem este dossiê resultam do investimento de pesquisadores/as que se dedicaram a produzir suas próprias bombas, agora dispostas diante de nós, prontas para serem detonadas.

Para ativar essa explosão basta ler os dez textos que compõem este dossiê, organizados em três blocos a partir dos referenciais teóricos predominantes. O objetivo dessa estrutura é favorecer uma leitura que dialogue internamente em cada grupo e que, ao mesmo tempo,

possibilite a circulação de conceitos e problematizações entre eles. No primeiro bloco, dedicado a Michel Foucault, encontram-se: “Notas de um Foucault curricularista para pensar territórios em disputa (Maria Carolina da Silva Caldeira, Danilo Araujo de Oliveira, Rafaela Esteves Godinho Leal), “Sonhar um currículo-vida com professores em formação que ensinam Ciências nos Anos Iniciais” (Nereida Tavares Neves Benevides, Caroline Barroncas de Oliveira, Mônica de Oliveira Costa) e “Por uma arqueologia das competências socioemocionais no projeto de vida do Novo Ensino Médio” (Thâmara Soares de Moura, Francisco Vieira da Silva). O segundo bloco, ancorado nas contribuições de Gilles Deleuze, em diálogo com Félix Guattari, reúne: “Por uma experimentação sensível com Deleuze e Guattari e a literatura (Janete Magalhães Carvalho, Sandra Kretli da Silva, Tania Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni), “Coletivos estudantis e currículos heterotópicos (Monica Houry, Giovanna Nogueira) e “Rizomas, estruturas fractal da natureza nas desobediências transepistêmicas no currículo (Milagros Elena Rodriguez, José Gregorio Lemus Maestre). O terceiro bloco, orientado pelas reflexões de Jacques Derrida, apresenta: “Tecno-curriculum aporético: *actifactuality* e *actuvirtuality* no movimento de desconstrução derridiano (Lhays Marinho da Conceição Ferreira, Ana Paula Pereira Marques de Carvalho), “Entre fios e casulos: o currículo como escrita de seda” (Maria Clara Camões, Bonnie Axer) e “Os limites do comum nas produções curriculares e as tentativas de anulação da *différance* (Matheus Saldanha do Amaral Reis, Pedro Ferreira de Lima Crespo, Matheus Lucas dos Santos Silva). Como texto de abertura ou encerramento, em razão de sua abrangência e do diálogo transversal com os três blocos, inclui-se: “Terceira cabaça de Exu: gênero e sexualidade nos currículos brasileiros de Pedagogia (Isabella Rocha Azevedo Ferreira, Jonas Francisco de Medeiros, Maria Cláudia Dal’Igna), que articula gênero, sexualidade, currículo e perspectiva pós-estruturalista.

No primeiro artigo, “Notas de um Foucault curricularista para pensar territórios em disputa”, Maria Carolina da Silva Caldeira, Danilo Araujo de Oliveira e Rafaela Esteves Godinho Leal propõem imaginar um “Foucault curricularista”, articulando ditos e escritos do autor aos modos como os currículos têm sido pensados e problematizados na pesquisa educacional. A partir de conceitos como relações de poder-saber, governo, governamentalidade, posições de sujeito, subjetividade e modos de subjetivação, as autoras e o autor refletem sobre as mudanças produzidas por tais noções e seus potenciais para problematizar políticas curriculares, artefatos culturais e práticas escolares. Com uma perspectiva teórico-metodológica situada nos estudos pós-estruturalistas, o texto oferece notas para pensar currículos como territórios em disputa, atentos às forças que os atravessam e às

estratégias de poder e resistência que os constituem.

No segundo artigo, “Sonhar um currículo-vida com professores em formação que ensinam Ciências nos Anos Iniciais”, as autoras Nereida Tavares Neves Benevides, Caroline Barroncas de Oliveira e Mônica de Oliveira Costa convidam a sonhar um currículo-vida, tecido a partir do acontecimento e da escrita de si em Foucault, junto a professores/as em formação no curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas. O sonho é assumido como método para criar fissuras no currículo tradicional, rompendo com lógicas de transmissão e acúmulo de conteúdos, apostando na invenção de outros modos de professorar. O texto narra a experiência de um ateliê-vida no estágio docência, no qual formas e contornos fixos foram desfeitos para dar lugar a um currículo fluido, disforme e inventivo. Ao moldar a argila do cotidiano de forma sensível e aberta, a proposta constrói espaços outros de formação, capazes de potencializar existências docentes múltiplas e criativas.

No terceiro artigo, “Por uma arqueologia das competências socioemocionais no Projeto de Vida do Novo Ensino Médio”, Thâmara Soares de Moura e Francisco Vieira da Silva analisam o Projeto de Vida no Novo Ensino Médio como estratégia psicopolítica, com foco nas competências socioemocionais, a partir do eixo arqueológico foucaultiano. O estudo examina a emergência e as condições de visibilidade e enunciabilidade desses saberes, rastreando documentos oficiais e publicações institucionais. A análise evidencia como tais competências, convocadas das áreas psi e das Ciências Sociais, reorganizam o dispositivo escolar em consonância com demandas neoliberais, normatizando modos de ser do jovem contemporâneo. Em diálogo com Deleuze, o estudo ilumina as linhas de visibilidade e enunciabilidade que configuram normas psicossociais e trabalhistas, mostrando como o Projeto de Vida se inscreve em estratégias de governo e controle.

No quarto artigo, “Por uma experimentação sensível com Deleuze e Guattari e a literatura”, Janete Magalhães Carvalho, Sandra Kretli da Silva e Tania Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni, inspiradas em Deleuze e Guattari, propõem uma experimentação sensível entre literatura e currículo, explorando fluxos, linhas de fuga e a potência do signo artístico para desestabilizar o pensamento dogmático. A literatura é compreendida como máquina de expressão que delira e fabula, instaurando um pensamento nômade nas escolas e abrindo espaço para novas imagens do pensamento curricular. Por meio de redes de conversação e encontros em escolas, o texto aposta na constituição de um comum compartilhado, na ação coletiva e na abertura de novas formas de vida, mostrando como a arte pode atuar como força de transformação nas práticas curriculares.

No quinto artigo, “Coletivos estudantis e currículos heterotópicos”, Monica Houri e Giovanna Nogueira, a partir de pesquisas com coletivos estudantis no ensino superior, articulam a perspectiva ético-estético-política e a cosmopercepção de Deleuze e Guattari ao conceito foucaultiano de heterotopia. O estudo mostra como coletivos negros, indígenas, de mulheres, mães, LGBTQIAPN+, pessoas com deficiência, autistas, entre outros, produzem currículos heterotópicos que fortalecem a permanência qualificada, promovem formação política e ampliam a formação profissional com epistemologias contra-hegemônicas. As práticas desses coletivos criam territórios existenciais e linhas de fuga que potencializam forças vitais e recusam projetos de morte, construindo mundos plurais, rizomáticos e resistentes às lógicas institucionais hegemônicas.

No sexto artigo, “Rizomas, estruturas fractais da natureza nas desobediências transepistêmicas no currículo”, Milagros Elena Rodriguez e José Gregorio Lemus Maestre desenvolvem uma investigação transmetódica de caráter descolonial planetário, articulando rizomas e estruturas fractais da natureza como metáforas e práticas de desobediência transepistêmica no currículo. Inspirados por Foucault, Deleuze, Guattari, Derrida, Freire e Dussel, os autores propõem uma desconstrução radical das lógicas coloniais e eurocêntricas de pesquisa, visando à libertação do Sul e à reinvenção do pensamento. O texto apresenta um currículo decolonial e sentipensatório, que resiste, descoloniza e reconecta saberes e existências, denunciando as opressões históricas e propondo práticas educativas libertárias e pluriversais.

No sétimo artigo, “Tecno-curriculum aporético: *actifactuality* e *actuvirtuality* no movimento de desconstrução derridiano”, Lhays Marinho da Conceição Ferreira e Ana Paula Pereira Marques de Carvalho exploram a noção de aporia em Jacques Derrida, articulada aos conceitos de *actifactuality* e *actuvirtuality*, para pensar o currículo como experiência aporética: imprevisível, contingente e indecível. A análise enfoca a relação entre currículo e tecnologia, propondo o termo “tecno-curricular” para evidenciar sua dimensão discursiva e transfronteiriça. O texto convida a compreender a realidade educacional como espectral, inacabada e em constante deslocamento, aproximando o campo curricular de uma poética derridiana que acolhe o porvir e o tempo incalculável da linguagem.

No oitavo artigo, “Entre fios e casulos: o currículo como escrita de seda”, Maria Clara Camões e Bonnie Axer mobilizam a metáfora do bicho-da-seda, utilizada por Derrida, para repensar a escrita curricular como prática coletiva e inventiva, desafiando lógicas centralizadoras e dicotomias escolares. Em diálogo com a desconstrução e a filosofia da

diferença, o texto defende que todos os sujeitos escolares são curriculistas, tecendo cotidianamente fios feitos de gestos, narrativas, escutas e afetos. Ao assumir a escola como espaço indecível e imprevisível, o artigo aposta na escuta comprometida e na abertura ao inesperado como forças éticas, políticas e estéticas na tessitura dos currículos.

No nono artigo, “Os limites do comum nas produções curriculares e as tentativas de anulação da *différance*”, Matheus Saldanha do Amaral Reis, Pedro Ferreira de Lima Crespo e Matheus Lucas dos Santos Silva problematizam o conceito de “comum” nas políticas curriculares da Educação Básica, argumentando que ele se configura como projeto normativo e fixo para todos. Com base em Derrida e Laclau, analisam como determinadas políticas buscam conter a *différance* e estabilizar sentidos, mascarando conflitos e disputas. O artigo propõe compreender o comum como indecível, habitado por incertezas e aberto à hospitalidade incondicional, deslocando a ideia de currículo como certeza e defendendo a educação como acontecimento em permanente tradução.

No décimo artigo, “Terceira cabaça de Exu: gênero e sexualidade nos currículos brasileiros de Pedagogia”, Isabella Rocha Azevedo Ferreira, Jonas Francisco de Medeiros e Maria Cláudia Dal’Igna, a partir da análise de currículos de cursos de Pedagogia em universidades públicas, privadas e comunitárias, identificam três processos de regulação e desregulação do gênero e da sexualidade, metaforicamente descritos como as “cabaças de Exu”. Fundamentado nos estudos de gênero, sexualidade e currículo, articulados à perspectiva pós-estruturalista, o texto problematiza como tais temas são inseridos ou silenciados nas matrizes curriculares. A partir de pesquisa documental, os autores evidenciam disputas de sentido e rupturas analíticas que desafiam normatividades e abrem espaço para currículos mais plurais e críticos.

O dossiê conta ainda com a resenha de Evanilson Gurgel sobre o livro Currículos: teorias e políticas. Nela, o autor articula a obra – que analisa diferentes teorias curriculares e políticas contemporâneas – ao romance *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector. Paraíso argumenta que o currículo é “o coração da escola” e Gurgel defende que é impossível sair ileso após o contato com o coração selvagem do currículo e com a obra resenhada.

Marlucy Paraíso é também a entrevistada deste dossiê. Com a generosidade que a caracteriza, a professora compartilhou sua visão sobre o campo do currículo e, particularmente, sobre as contribuições pós-estruturais para pensá-lo. Retomando as pesquisas que desenvolve desde o primeiro artigo publicado, a pesquisadora (pela qual nutrimos profundo afeto e cuja relevância marcou nossa trajetória acadêmica de modo fundamental – faz um balanço do

campo e defende a produção de currículos profundamente vinculados à vida.

Além dos textos que compõem o presente dossiê, somam-se a ele outros artigos submetidos em *demanda contínua*, reunidos no número 2 do volume 18 da revista *Espaço do Currículo*, os quais apresentamos a seguir.

No artigo “Poéticas do Combate: o gesto pedagógico do ataque e da defesa”, Gelson Antonio Lopes Júnior, Renata de Camargo Pinto Rocha Lima e Jean da Silva Menezes exploram os limites do gesto educativo nas artes marciais, deslocando-o do plano técnico para o plano existencial. Os autores articulam conceitos como corpo vibrátil, introvisão, proteiforme e esquiva para compreender gestos pedagógicos destituíntes e pouco visíveis, capazes de exceder fronteiras sociais, pedagógicas e curriculares.

Em “Criações curriculares: possibilidade de tecer re-existências nos/dos/com os cotidianos escolares”, Erica Teixeira, Márcia Reis e Graça Reis refletem sobre as produções curriculares cotidianas como espaço de disputa e invenção de mundos mais democráticos e plurais. Com base na pesquisa narrativa *nos/dos/com*, valorizam histórias e saberes dos praticantes-pensantes da escola como possibilidade de currículos emancipatórios.

O texto “Currículo de Matemática no viés da Etnomatemática e da Educação do Campo”, de Maria Jacqueline da Silva e Marcos Marques Formigosa, propõe um currículo específico para comunidades escolares multisseriadas do campo, fundamentado na Etnomatemática e na Educação do Campo, como alternativa às propostas urbanocêntricas e generalistas.

Em “Sentidos emergentes da diversidade dos praticantes-pensantes de uma escola de EJA em Angicos/RN”, Emanuella de Azevedo Palhares e Francisco Canindé da Silva analisam, a partir de abordagem qualitativa e das sociologias das ausências e emergências, como sujeitos da EJA vivenciam e transformam relações marcadas por exclusões, incorporando suas trajetórias aos currículos.

O artigo “BNCC e as práticas corporais de aventura: análise sobre a inclusão na Educação Física escolar”, de Sidnei Riva e Clésio Acilino Antônio, examina como a BNCC incorporou essa unidade temática, apontando avanços pedagógicos, mas também fragilidades teórico-metodológicas e descompassos em relação à realidade das escolas públicas.

Em “Sobre qual Ensino Religioso estamos falando? A representatividade ancestral afro-brasileira no currículo”, Robéria Nádia Araújo Nascimento e Augusto Sérgio Bezerra de Oliveira discutem a inserção de saberes afro-brasileiros no currículo a partir de vivências em um Ilê Asé, defendendo sua relevância formativa, cultural e afetiva frente ao racismo estrutural.

O texto “Reformas educacionais contemporâneas frente às teorias de currículo: dois conceitos, um interesse”, de Joice Pereira Soares, Letícia Ramalho Brittes e Laila Azize Souto Ahmad, analisa a BNCC e o Novo Ensino Médio como instrumentos que mantêm a hegemonia por meio de currículos tradicionais, com base na análise de discurso.

Por fim, “A pós-modernidade de Lyotard (1924-1998) para a compreensão teórica do currículo”, de Hugo José Coelho Corrêa de Azevedo e Rosane Moreira Silva de Meirelles, utiliza a obra de Lyotard para refletir sobre um currículo que valorize a pluralidade, a diversidade de narrativas e a preparação para lidar com a incerteza e a complexidade contemporâneas.

Organizar e produzir um dossiê é uma tarefa complexa e desafiadora. A despeito das dificuldades que envolvem tal empreendimento, o realizamos por acreditar na potência do agrupamento de “textos-bomba” e em seus efeitos na construção do pensamento. Todavia, somos atravessados(as) por diversas sensações e sentimentos ao longo do processo. A cada nova organização de dossiê, essas sensações se manifestam de modo distinto, sendo impossível prever como ocorrerá, como se concluirá ou mesmo o que diremos ao final dos textos recebidos, avaliados e selecionados. Talvez seja justamente a imprevisibilidade que continue a nos convocar a iniciar trabalhos como este.

Deixamos, assim, mais um pensamento para provocar: “Se, ao começar a escrever um livro, você soubesse o que iria dizer no final, acredita que teria coragem de escrevê-lo? O que vale para a escrita e a relação amorosa vale também para a vida. Só vale a pena na medida em que se ignora como terminará” (Foucault, 2017, p. 294).

Isto não é um fim.

Agradecimentos

Agradecemos a todas, todos e todes que se dispuseram a emitir pareceres para este dossiê. Sem a colaboração de vocês, esta publicação não teria sido possível! Agradecemos especialmente à Associação Brasileira de Currículo (ABdC) por ter selecionado esta proposta de dossiê, e à Revista Espaço do Currículo por tê-la acolhido.

Referências

CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. Dr. Nietzsche, curriculista – com uma pequena ajuda do professor Deleuze. *In*: TADEU, Tomaz Tadeu; CORAZZA, Sandra. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 35-57.

DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder: conversas entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro e São Paulo: Paz e Terra, 2017. p. 129-142.

FOUCAULT, Michel. Gerir os ilegalismos. *In*: POL-DROIT, Roger. **Michel Foucault, entrevistas**. São Paulo: Graal, 2006. p. 41-53.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V**: ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense. 2017.

MEYER, Dagmar Esterman; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou Sobre como fazemos nossas investigações. *In*: MEYER, Dagmar Esterman; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 15-22.

VEIGA-NETO, Alfredo. Na oficina de Foucault. *In*: GONDRA, José; KOHAN, Walter (org.). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 79-91.

SOBRE OS AUTORES

Danilo Araújo de Oliveira. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Universidade Federal do Maranhão. Líder do Grupo de Pesquisa Questões e Políticas de Currículo. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0463409625851892>

Maria Carolina da Silva Caldeira. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora da Universidade Federal de Minas Gerais. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8051730003649059>

Como citar

OLIVEIRA, Danilo Araújo de; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. “FOUCAULT, DELEUZE E DERRIDA: CURRICULISTAS?”: pensamento pós-estruturalista e a pesquisa em currículo. **Revista Espaço Currículo**, v. 18, n. 2, e75855, 2025. DOI: 10.15687/rec.v18i2.75855.